

# Entrevista com o mestre, em 16 de junho de 1984

*Interview with the professor in July 16, 1984*

João Batista Vilanova Artigas\*: entrevistado.

Myrna de Arruda Nascimento\*\*: entrevistadora.

\* Mestre da arquitetura brasileira dispensa apresentação. Nasceu em Curitiba em 23 de junho de 1915, faleceu em São Paulo em 12 de janeiro de 1985.

\*\* Arquiteta e doutora pela Universidade de São Paulo. Professora e pesquisadora na FAUUSP, junto ao Departamento de Projeto, lecionando nos cursos de Design e Arquitetura, e no Centro Universitário SENAC, onde coordena grupo de pesquisa em Comunicação, Arquitetura e Design.

## Resumo

Trechos da entrevista realizada com Artigas por alunos do 4º ano da FAUUSP, em 1984, na residência do arquiteto, transcrita em fevereiro de 1992 e doada para o acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, no ano em que o projeto desta mesma faculdade celebrava 30 anos. A conversa informal, um “bate-papo” nas palavras do renomado mestre, deveria ser usada apenas no âmbito acadêmico e, portanto, é dessa forma que ela é apresentada nesta revista científica, homenageando o arquiteto, no ano do centenário de seu nascimento.

**Palavras-chave:** Entrevista. Artigas. FAUUSP.

## Abstract

Excerpts from an interview with Artigas by FAUUSP 4th year students, given in 1984. Transcribed in February 1992 this text was donated to the collection of the University of São Paulo Faculty of Architecture and Urbanism Library, in the year that the design of its building celebrated 30 years. The informal conversation, a “chat” in the words of the renowned master, should be used only in the academic field and therefore that is how we present it in this journal, honoring the architect on the year of the centenary of his birth.

**Keywords:** Interview. Artigas. FAUUSP.

**S**ábado, 16 de junho de 1984. cursando o 4º ano da FAUUSP, eu e meu grupo de colegas, (Carlos José Dantas Dias, Cynthia Satie Yendo, Leda Cristina Bresciani e José Arthur Fajardo) empenhados em obter material para desenvolver trabalho para a disciplina *Estética do Projeto*, entrevistamos o professor João Batista Vilanova Artigas em sua casa. Na ocasião pudemos conhecer o tom didático, generoso e gentil da fala do arquiteto celebrado, que se dispôs a nos receber, e responder às nossas, por vezes ingênuas, perguntas, uma semana antes da arguição a que se submeteria no concurso para professor titular da FAUUSP.

A gravação em fita-cassete, cuja cópia guardei durante estes 30 anos, foi por mim transcrita em fevereiro de 1992 e doada para o acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, no ano em que o projeto desta escola celebrava 30 anos. Nossa conversa informal, um “bate-papo” nas palavras do renomado mestre,

deveria, segundo ele, ser compartilhada apenas em âmbito acadêmico e, portanto, não foi até hoje veiculada em nenhuma mídia com qualquer finalidade outra.

A dissertação de mestrado, “*A tecitura da rede-Arquitetura como inter-linguagens*”<sup>1</sup>, que apresentei em 1997m sob a orientação da Profa. Dra. Lucrécia D’Aléssio Ferrara, foi motivada por esta entrevista, inspirada por uma revelação feita durante nosso encontro com o instigante entrevistado, quando, ao ser perguntado sobre “as influências estéticas que marcaram sua obra”, Artigas nos mostrou uma estante atrás de si com livros dos mais expressivos escritores, em diversas línguas, afirmando: “O que eu leio são poetas de todas as épocas”.

O caráter diversificado da produção de ideias deste arquiteto foi discutido na dissertação como uma linguagem construída a partir do diálogo proposto

1. Mantenho a citação do título da dissertação como foi na ocasião apresentado e defendido, em 1997, ainda que considere necessária revisão do mesmo, em caso de publicação.

entre diferentes modos de se organizar “espaços”, todos inéditos e todos afins: espaços inaugurados pela retórica (elaboração de textos escritos publicados ou pronunciados em palestras, entrevistas ou discursos); espaços exercitados graficamente (desenhos) com temas distintos; e espaços criados (projetos arquitetônicos) para abrigar e receber usuários e toda sorte de corpos que os habite ou percorra entre um instante e uma apreciação mais demorada, contemplativa ou absorvida como experiência memorável. A “linguagem poética” de Vilanova Artigas encontrava-se, portanto, manifesta em diversas linguagens.

Professora da FAUUSP desde 2009, acredito que o privilégio do conhecimento de trechos desta entrevista inédita deva ser estendido a todos que acompanham e celebram, em 2015, o centenário de nascimento de um dos mais renomados arquitetos brasileiros, professor da Universidade de São Paulo, cuja trajetória profissional foi fundamental para a formação de inúmeros discípulos, futuros arquitetos e docentes que, como ele, marcam a história do ensino e da produção de Arquitetura no país.

Além disso, tendo cursado a FAU entre 1981 e 1985, comemoro com meus colegas de então os 30 anos da nossa formatura. Publicar trechos desta entrevista é uma forma de homenagear o centenário do nosso inesquecível mestre e, também, num gesto saudoso e imaginário, dedicar o texto ao meu querido amigo e colega de turma,

artista, poeta e premiado arquiteto, Carlos Dias (Lito)<sup>2</sup>, que em 2014 retomou o animado “bate-papo” com nosso professor, em outra dimensão.

Myrna de Arruda Nascimento  
Julho 2015

Trechos selecionados e transcritos de entrevista realizada com o professor **João Batista Vilanova Artigas**, com perguntas de Carlos Dias (CD)<sup>3</sup> e Myrna Nascimento (MN), então alunos da FAUUSP.

**(CD)** – Professor Artigas, o senhor poderia nos dar uma visão histórica do projeto da FAUUSP, nos dias de hoje?

**Artigas** – *Nessa altura dos acontecimentos a crise da cultura não é pequena. O meu marxismo-leninismo que serviu para mim em 1950, que fazia críticas de esquerda severas sobre a impossibilidade da arquitetura, sobre o capitalismo, de se resolver essa problemática humanística ou a revolução brasileira; esse não tem a força suficiente para interpretar o momento que nós estamos vivendo. Mas o liberalismo generoso da classe média, esse tem menos força e desanima mais.*

Estamos péssimos com a crise da cultura, sem uma maneira de saber como enfrentá-la. O que se propõe, por exemplo, os estetas do pós-modernismo? De início o seguinte: “des-ideologizar” a arquitetura de tal forma que ela não tenha mais

2. Carlos José Dantas Dias (Angola 1961- São Paulo, 2014).

3. Para efeitos de identificação dos autores das perguntas adotaremos CD para Carlos Dias e MN para Myrna Nascimento.

compromisso nenhum com o desenvolvimento da humanidade; que ela seja um exercício puro e simples, individual, de cada um, e que nenhum de nós, individualmente, tenha nada que ver com o resto. Isto corresponde ao homem que vai ao supermercado e que compra alguma coisa, e que não tem nada que ver com a circunstância do próprio supermercado. É certo que uma parte da crítica que o pós-modernismo faz sobre o racionalismo “Corbusiano” tem sua razão de ser. Os arquitetos dos anos 20 tiveram que conviver com a revolução socialista e, evidentemente, era um período histórico em que, ao sair da Iª Guerra Mundial, os homens provaram que o mundo tinha um encaminhamento social de tal ordem, que o capitalismo não teria mais forças para dizer qual seria o destino da felicidade humana.

E os arquitetos assumiam responsabilidades acima da sua possibilidade em face deste fato (...). Eu chamei atenção para isto há 30 anos atrás, como homem de esquerda. Vocês vão pelo menos dizer que, apesar de jovem, eu não era tão bobo assim...foi em 1950 e tanto.

Chamei atenção para o fato de que, realmente, todas essas hipóteses teóricas do racionalismo arquitetônico baseado em Mies Van der Rohe, em Corbusier, ou Frank Lloyd Wright do lado organístico, não tinha, não podia assumir responsabilidade enquanto hipótese de trabalho arquitetônico pela modificação das condições sociais do mundo. Chamo atenção naquele “Os

Caminhos da Arquitetura”; que foi feito com uma raiva tremenda, vocês têm que me desculpar... eu era muito jovem para poder interpretar aquela situação daquele momento; talvez eu fosse tão incapaz de enfrentar aquela situação como sou hoje incapaz de enfrentar a situação da qual estou conversando com vocês.

Se aquele tempo era difícil, a vossa herança, a partir de mim, para o meu gosto, não é nada fácil...seria um mentiroso se dissesse para vocês que a porta do futuro está aberta em duas folhas, e que é só o teu talento de bom desenhador e pronto. Infelizmente me parece que não é esta a condição, mas também precisa julgar este período de 20 com a coragem do homem que faz da utopia um sonho possível. E, eu digo isso para vocês, e não se isentar da responsabilidade de, como o cidadão, contribuir para a modificação da estrutura que te oprime, de alguma forma, para o mundo em que você vive.

Eu direi que esta estrutura te oprime porque se ela não te oprime vocês não estariam aqui conversando comigo...nem eu sou tão simpático a ponto de vocês dizerem que é a minha figura física que poderia fazer com que nós estivéssemos unidos aqui neste momento. O que nos une me parece que seja a angústia de todos nós, e eu me sinto até altamente valorizado, como homem da minha idade propecta, de poder conviver com as suas próprias angústias. Faz um bem imenso estar com vocês de alguma maneira (...)

**(MN)** – Professor, naquele seu artigo dos “Caminhos da Arquitetura”, em que o senhor discute as duas correntes de ideias representadas por Apolo e Dionísio, podemos dizer que há um enfoque pejorativo que condena a postura irracional dionisiaca?

**Artigas** – *Eu de forma nenhuma deixaria as minhas posições racionalistas em face de uma posição elitista. O que você deve ver lá é que não há um desprezo pelo organicismo, nem um desprezo pela visão dionisiaca da vida. Mas é que esta dicotomia é nietzschiana de algum jeito.*

*Sabe, é a síntese entre os dois caminhos que realmente faz a sua posição humanística. Eu tratei disso porque comecei a minha vida de arquiteto como um jovem organicista ligado ao Wright; depois tive, com muito prazer, mais tarde...há pouco tempo atrás, a noção e a convicção de que esta ida de Dionísio para Apolo, de organicismo para o racionalismo, é o caminho normal que a evolução de um jovem pode ter.*

*Antes você começa a sentir a vida, as dificuldades das coisas, a natureza dos próprios materiais, a dificuldade de juntá-los e fazer deles uma harmonia entre o que é interno e o que é exterior. Você organiza o teu espaço internamente de alguma maneira, que te parece que funcionalmente ele é perfeito. Mas você monta e vê do lado de fora...e não é a expressão artística que você desejaria. E nesse conflito entre o organicismo do funcional e o apo-*

*lino do resultado artístico, é a alma do arquiteto que fica tratada como se fosse um troço que entra no forno, sai do forno, volta, queima e desqueima, etc...., mas, foi só você que escolheu.*

*Ainda, se você ler muito bem aquele artigo, com estes olhos que eu estou te vendo, ele é uma espécie assim de tragédia da criatividade artística da tua pessoa; saber que você tem coragem de detectar, de reunir teus materiais, o barro, partir teu espaço, montar a tua estrutura arquitetônica, virara aquilo para olhar você mesmo do lado de fora e dizer: “Saiu uma porcaria; isto não tem nenhum significado estético! ”. Nessa hora é o teu lado Apolo que julga aquilo, e do qual só se tem uma saída: é ir buscar tudo de novo, botar o barro no chão e, a partir desta síntese, retomar a sua produção.*

*Sabe, isso é até a própria dignidade do arquiteto; é a tua autocrítica, é o teu modo de ser. E eu te ofereço este artigo com este critério que aí está.*

**(CD)** – Artigas, como é que começa um projeto seu: pelo papel ou pela cabeça (ideia)?

**Artigas** – *Ah, não sei. Eu vou contar para vocês, comigo é um pouco assim, eu meio que elaboro; o projeto que eu vou fazer eu já meio que tenho feito. Se aparecer, eu faço. Então, quando você vai adquirindo sua experiência profissional e vai tendo o teu repertório de formas, as coisas que você critica, que você acha, aquilo junta para você como um músico, que sabe quais são os*

*acordes que se acertam entre si. Nenhum artista é um solitário em relação a si mesmo, nem em relação à história. E, sabe, o que o artista tem que fazer é viver a vida, se esfregar no real e ter coragem, como eu expliquei para vocês, de partir da condição dionisíaca meio embriagada até ter a capacidade crítica do plano apolíneo. Mas você organiza uma espécie de repertório de coisas que você deveria fazer.*

*Eu vou até fazer umas confissões pessoais para você. Por exemplo, eu construí uma série de residências e elas são sempre ligadas a um processo histórico muito complexo, que não é fácil assimilar. Eu vou procurar resumir só a teu pedido, rápido, mas você vai depois checar. Porque eu descobri há pouco tempo atrás uma identidade interessante em relação à arquitetura paulista. Você veja que nós começamos em São Paulo a construir casas de taipa; depois, quando vieram as primeiras possibilidades do desenvolvimento agrícola do café; nós fomos buscar imigrantes do lado de lá para substituir os escravos do tempo da república. De lá não vieram somente homens que ajudaram a arquitetura do café, mas eles eram também artesãos que faziam isto muito bem. E para estes artesãos foi possível fazer encomendas de como armar as casas dos paulistanos daquela época. Estes homens é que fizeram o ecletismo aqui em São Paulo. Não foi arquiteto nenhum. Foram encomendas diretas dos donos para o homem que sabia fazer uma escada; para seu fulano que sabia fazer uma flor igual à que o*

*latifundiário tinha visto numa viagem que ele fez na Europa. E foram estes artesãos que fizeram (até parece uma espécie de saída da Idade Média, em cada artesão sabia fazer uma coisa).*

*Eu aprendi na Escola de engenharia, na Poli, como se desenhava uma casa. Então, tinha: um quarto, que devia ter pelo menos 4,00 x 4,00, e uma cozinha boa tinha que ter 3,00 metros de largura por 7,00 metros e não sei quanto. E estas coisas acabam em uma codificação; a altura do pé-direito mudou muito. O intervalo se media em braças, duas braças, duas varas, etc. Isto eu aprendi. O lado da sociedade é lento na história, não é?*

*Mas, o meu professor me disse uma coisa: “Neste lugar aqui que vai ao andar superior (eu nunca me esqueci disto), você tem que fazer uma caixa de escada. E não faz nunca menor do que 4,00 X 4,00 porque senão o escadeiro não pode botar a escada aí dentro”. Por este exemplo você percebe que não havia, pela tecnologia não se fazia, uma arquitetura no Brasil pela Escola de Engenharia. Ela só pode começar a ser feita quando nós assumimos a condição de arquiteto, e dissemos: “você vai botar uma escada num lugar de 2,00 X 3,00 porque eu sei qual é a escada que eu quero”.*

*Aí começou a nascer o projeto; o arquiteto com a vontade de dizer o que o espaço tinha que ser. Aí o Dionísio aflorou e deu a mão para Apolo, e nós fomos para o lado de fora e nós tivemos que ver que besteira tinha resultado.*

*É tão fácil compreender a angústia desses momentos históricos, como eles foram montados. De certo que aí não se resume tudo, porque a gente está pondo de lado o poder econômico que estava ligado a isto, que no fim destruiu esta cidade, e hoje está construindo uma outra cidade sob o modelo americano, e aí a nossa liberdade fica sendo posta em frente deste quadro, e tem que se voltar ao termo inicial disto: qual é o risco da tensão da mão criadora, como rebelde em relação a toda essa situação? E nós fechamos este curso aqui com uma certa lógica.*

*Ter que responder a tua questão me agrada imensamente, e o que eu puder fazer... Sabe, eu só queria acrescentar uma coisa; não é fácil fazer uma leitura destes aspectos históricos. Você se aplica em ler, gostaria de conferir cada pesquisa se fosse possível, mas vocês estão se propondo tarefas complexas. Porque para mim é mais fácil, eu vivi essas coisas; tenho as cicatrizes de alguns passados, e só tocar nelas faz a memória funcionar (...).*

**(CD)** - Artigas, na sexta-feira eu estava saindo da FAU às 6 horas e eu olhei para cima e a luz vinha não sei de onde, e era uma coisa meio cenográfica: aqueles domos e a praça embaixo... porque é uma praça. E imediatamente ficou claro para mim a concepção daquele projeto, com a praça. Mas eu queria saber de você como ela se estruturou no seu projeto, aquela coisa que você já falou do elemento central, do meio...

**Artigas** - *Eu posso dizer para vocês: veio de teatro.... Pode escrever, tem um lado poético nisso que você tem que tolerar. Qualquer um de vocês; como arquiteto, você diz: como é que você faz um projeto? Quem faz o teu projeto é o ideário. Se você constrói como sendo você, a estrutura da tua própria consciência, a criatividade individual, não é desligada da tua postura interior. Você tem que saber quem é você ideologicamente em relação ao total da sociedade. Eu volto a 62. O Holanda fez um poema a respeito da FAU, não sei se vocês conhecem o poema feito, mas posso contar para vocês o que eu pensava a respeito do projeto da FAU em 1962.*

*Tem um critério que é tolice, mas eu achava que, através do espaço, você podia exprimir os seus ideais de democracia e de humanismo. E o pior é que, mal ou bem, às vezes na FAU eu ainda sinto, de alguma maneira, aquelas ilusões terríveis de então. Então, na FAU a ideia que me levava é que o homem é o “bico”, está em todos os lugares. E que não existe uma atividade humana que não possa ser mostrada de um para o outro; e que a convivência entre os homens é a formação da própria cultura. Então tem aquela amplitude, aquela generosidade que é o tratamento do jovem, bem aberto. Em vez de você atravessar todos os lugares e perguntar para cada um: como vai você? Tem toda aquela convivência desesperada que ainda aquele espaço exprime. Eram ideias da gente, para mim pessoalmente cultivados com um certo delírio. Um delírio utópico que é difícil para mim ser explicado.*

*Como essas coisas partem da consciência da gente para alguns aspectos que no fim se tornam monumentais, é um processo subjetivo que não tem descrição; nunca ninguém pode descrever isso.*

*Se eu soubesse qual é esse processo podia repeti-lo em cada feito, mas dá-se uma coisa para quem tem sucesso num ou outro espaço que cria: é que ele se isola de você; e passa, vive a sua vida de alguma maneira. E a FAU não me dá a menor bola...*

*Eu tenho até algumas vezes a condição de me sentir tão estranho àquilo que está lá. E de olhar e dizer: que diabo, isto aqui é um lugar bonito! Eu nunca pensei...é como se ela ganhasse uma personalidade própria e pudesse conversar comigo em terceira pessoa. (...).*

**(MN)** - Professor, quando um projeto é colocado em um lugar, ele assume dois caracteres, ele tem um compromisso com o tempo linear, social (como o senhor disse: tem as cores que meu povo gosta”), e tem um compromisso com o seu tempo psicológico, individual, com as coisas que o arquiteto está vivendo na época. Como o senhor vê isto?

**Artigas** – *Ah, mas isso, não me custa responder, de forma nenhuma. Você tem que pôr a tua personalidade, a responsabilidade da tua criatividade é fundamental. Porque, veja você, e nós voltamos ao raciocínio que fizemos até agora, ser artista é um risco.*

*Certamente você terá toda sociedade armada para evitar que você desenvolva uma atividade artística. Então você não deve, de forma nenhuma, abrir mão da tua personalidade, da tua condição. Nada de se humilhar, porque, sabe, a responsabilidade se repousa inteirinha sobre você, e você passa a ser uma figura covarde se não tiver força para dizer: agora vou deixar aqui a minha impressão digital; nem que eles me matem.*

*Então, a condição de artista não é uma condição florida, irresponsável. Precisa que cada um de nós saiba assumir e dizer: “está bem, eu gosto de tudo isso aqui, mas, para contribuir com tudo isso, eis aqui a minha impressão digital “. Senão não existiria Michelangelo, nem Leonardo da Vinci. E também, para falar a verdade, para o nosso pobre povo tão sofrido ter paciência, aqui faz falta Michelangelo e Leonardo da Vinci. Então, ter valor não é nenhum crime, é um privilégio, que não pertence à gente mesmo, mas pertence exatamente às pessoas mais oprimidas da nossa sociedade.*

*O homem de valor pertence ao povo porque, particularmente, ao nosso coitado povo que não pode, não tem o direito de desfrutar de uma vista à beleza, e você se furta de dizer para ele o que é mais belo do que tudo! Não é para ter ilusões em torno de como interferir; precisa ter uma cara de pau e dizer.*

*É certo que você pode subjetivamente...aí entra a sua personalidade, alguns são mais modestos, digamos, ou menos eloquentes, mas tirando as*



*variações de tonalidade de expressão elas não são uma demonstração de pobreza. A diferença de opiniões não desmerece o fato, pelo contrário, o enriquece. (...)*

***Agradeço ao colega Professor Doutor Fernando Guillermo Vázquez Ramos o convite para publicar trechos desta entrevista, por mim mencionada no texto “Artigas, leitor de poetas”, apresentado na mesa Vilanova Artigas Centenário 1915-2015, realizada para homenagear o arquiteto em evento organizado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, em 17 de setembro de 2015. ■***